

TARÔ DO APRENDER EM MOVIMENTO: CONFETOS PRODUZIDOS POR JOVENS SKATISTAS DO LITORAL DO PIAUÍ

KRÍCIA DE SOUSA SILVA

Pedagoga e mestranda em Educação pela universidade Federal do Piauí – UFPI.

Email: kriciasousa@hotmail.com

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – Ppged. E-mail: shara_pi@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho dedica-se a descrever e analisar os dados produzidos na técnica sociopoética “Tarô do aprender em movimento”, experimentada por jovens *skatistas* da cidade de Luís Correia – PI. A investigação teve como problema a seguinte questão: Quais os confetos (conceito + afeto) produzidos pelos *skatistas* de Luís Correia – PI acerca do aprender na relação com o movimento? Em meio a essa problemática, surgiram as questões norteadoras, tais como: O que pensam os jovens que andam de *skate* em Luís Correia – PI sobre o aprender na relação com o movimento? O que estes jovens aprendem com o corpo em movimento, andando de *skate*? Quais seus saberes? Que problemas os mobilizam em relação ao aprender? Quais as linhas de resistência que estes jovens *skatistas* produzem frente às concepções instituídas de aprender? Que potencialidades corporais são desenvolvidas pelos *skatistas* enquanto prática desse esporte frente aos problemas que os mobilizam no contemporâneo acerca do aprender na relação com o movimento? Para a produção dos dados, foi utilizada a Sociopoética, método que reconhece o corpo como produtor de conhecimento e valoriza os diferentes saberes e culturas dos sujeitos, possibilitando a construção coletiva de confetos sobre o tema-gerador, que, neste caso, foi aprender na relação com o movimento. As análises trouxeram reflexões sobre o aprender na incerteza, apontando para um movimento de construção e de desconstrução de saberes na cidade por meio da prática do *skate*, que requer uma abertura a novas possibilidades de aprender, de modo a criar experiências inovadoras que transformem os espaços educativos.

Palavras-chave: Juventudes. Aprender. Movimento. *Skate*. Sociopoética.

LEARNING OF TAROT IN MOVEMENT: CONFECTS PRODUCED BY YOUNG SKATERS IN THE BEACH COAST OF PIAUÍ

ABSTRACT

This work is dedicated to describing and analyzing the data produced in sociopoética technique "Tarot learn on the move", experienced by young *skaters* from the town of Luís Correia - PI. The investigation had the problem the following question: What confects (concept + affection) produced by young *skaters* Luís Correia – PI about learning in relation to movement? Amid this problem arose the guiding questions such as: What do you think young people who ride *skateboard* in Luís Correia – PI about learning in relation to the movement? What these young people learn with the body moving, *skateboarding*? What are your knowledge? What problems mobilize in relation to learning? What resistance lines that these young *skaters* produce front of conceptions instituted to learn? That body potentials are developed by *skateboarders* while practicing this sport with the problems that mobilize the contemporary learn about the relationship with the movement? The research method used was Sociopoética that recognizes the body as a producer of knowledge and values the different knowledge and cultures of subjects, enabling the collective construction of

confects on the theme generator, which in this case was to learn in relation to the movement. The analysis brought reflections on learning in uncertainty, pointing to a building movement and deconstruction of knowledge in the city through the practice of *skateboarding*, which requires an openness to new ways of learning in order to create innovative experiences that transform spaces education.

Keywords: Youth. Learn. Movement. *Skateboard*, Socipoetic.

Introdução

“Equilibrou o corpo no passo, no tempo-espaço,
 No compasso e no silêncio.
 E foi-se indo sem saber se assim se ia e assim se foi.
 Pisou com o pé direito e, em seguida, com o esquerdo.
 E descobriu que o chão vem vindo
 Na medida
 Em que se anda, caminha [...]”.
 (Equilibrista –Sombaguá)

Este trabalho dedica-se a descrever e a analisar os dados produzidos na técnica sociopoética “Tarô do aprender em movimento”, experimentada por seis jovens *skatistas* da cidade de Luís Correia – PI, durante pesquisa de dissertação de mestrado em Educação que tinha como tema-gerador: “aprender na relação com o movimento”. Assim, ao expor os percursos dessa investigação e o procedimento da técnica desenvolvida, explicitamos diferentes conceitos sobre o que é aprender em movimento para esse coletivo de jovens que teima em deslizar pelas ruas das cidades e realizar uma prática educativa inovadora e cambiante.

A pesquisa situada na linha de “Movimentos sociais, educação e políticas públicas” debruçou-se sobre as práticas pedagógicas descolonizadoras de jovens *skatistas* frente a conceitos prontos sobre o que é aprender, pois, enquanto educadoras, percebemos rupturas com o aprender cristalizado das escolas e com parte fundamental da formação dos cursos de Pedagogia, pois os espaços que são apropriados pelos jovens *skatistas*... Espaços que são do *skate* mostram que há outros modos de educar no contemporâneo (BRANDÃO, 2011). Assim, esta pesquisa se desenvolveu com e entre essa juventude, cartografando diferentes sentidos de aprender produzidos por seus corpos deslizantes quando circulam pelas praças, pelas ruas, deslizando sobre bancos de praças, corrimões, dentre outros espaços.

Desse modo, sentimos desejos de estudar os seus modos de aprender, tendo em vista que seus aprendizados anunciam um lastro de movimentos corporais, uma pedagogia feita de manobras que se faz ao deslizar, desviar, pular, cair, errar, levantar, seguir em frente, retroagir e usar de espaços inimagináveis para potencializar o corpo no processo de aprender – sua potência está em explorar territórios ainda não ocupados, instituir novas e radicais manobras, apontando para nós um

pertencimento ativo dos lugares onde os jovens transitam, evidenciando saberes tatuados em seus corpos, fazendo-nos partilhar a seguinte indagação: É o jovem que habita a cidade ou é a cidade que habita o jovem? Há uma simultaneidade, uma sincronia entre eles. Ao viver a cidade, o jovem mostra que é capaz de pensar, de criar e que sabe mais sobre si mesmo do que se pode imaginar (ADAD, 2011).

Nesse sentido, a escolha de trabalhar com esse coletivo, deve-se ao entendimento de que os jovens *skatistas* praticam e vivem a cidade, aprendendo com o corpo em movimento, permitindo a desconstrução de ideias prontas sobre o que é aprender, rompendo com fórmulas clichês e conteúdos pré-estabelecidos. Isso nos permitiu problematizar os formatos usuais da formação em Pedagogia, realizada por meio da reprodução dos saberes usuais no ensino e aprendizagem institucionais. Os *skatistas* escapam a este aprender ao se concentrarem nas ruas das cidades, saindo de salas de aulas, resistindo ao aprender formalizado e disciplinante existente na maioria das escolas.

Assim sendo, apresentamos a seguinte problemática: Até que ponto jovens envolvidos com o esporte radical do *skate* podem potencializar e inventar outros conceitos sobre o aprender na relação com o movimento tendo em vista os processos de criação e de sociabilidades, seus saberes e problemas que os mobilizam na contemporaneidade?

Em meio a esta problemática surgem as questões norteadoras, tais como: O que pensam os jovens que andam de *skate* em Luís Correia – PI sobre o aprender na relação com o movimento? O que esses jovens aprendem com o corpo em movimento, andando de *skate*? Quais seus saberes? Que problemas os mobilizam em relação ao aprender? Quais as linhas de resistência que esses jovens *skatistas* produzem frente às concepções instituídas de aprender? Que potencialidades corporais são desenvolvidas pelos *skatistas* enquanto prática desse esporte frente aos problemas que os mobilizam no contemporâneo acerca do aprender na relação com o movimento?

Percebendo tais questões, esta pesquisa se mostrou uma temática inédita no programa de pós-graduação do mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, pois não existiam, até então, estudos sobre essa temática no programa referido, mesmo com tantos jovens praticantes do *skate*, mobilizando nossos corpos, fazendo-nos pensar: Como criar práticas pedagógicas que tomem o corpo todo no processo de aprendizagem dos jovens? É possível existir um modo de aprender em que o corpo não faça parte do processo, tendo em vista que o corpo do jovem é o próprio jovem? Le Breton (2006) afirma que a existência humana é antes de tudo corporal, e é por essa razão que as discussões desse trabalho são voltadas para uma educação que

não separa a cabeça do resto do corpo, mas que, pelo contrário, prioriza o corpo no processo de aprendizagem.

Desse modo, enquanto estudosas de práticas pedagógicas e culturais típicas das juventudes, escolhemos jovens *skatistas* para ajudar-nos a pensar essas questões com/entre eles. Para tanto, fizemos uso de metodologias dinâmicas e prazerosas, parte do princípio da Sociopoética, a qual valoriza os saberes das culturas de resistência, como no caso de jovens *skatistas*, permitindo a produção em coletivo de conceitos sobre problemáticas que circundam um tema-gerador (GAUTHIER, 2012).

Para além do subjetivismo, escolhemos esta metodologia por ser um método que se adequa aos objetivos da pesquisa, bem como, por seus princípios, os quais permitem que os pesquisadores tenham liberdade para criar técnicas e dispositivos artísticos que estimulem o pensamento, o corpo e a criatividade do grupo (GAUTHIER, 2009). Assim, encontramos nessa abordagem metodológica um novo modo de construir o conhecimento voltado para a capacidade inventiva do homem, na qual categorias como corpo, juventude, educação e movimento surgem como possibilidades de problematizar a vida de jovens, permitindo a criação de novos confetos que nos ajudaram a responder as questões aqui propostas.

Enfatizamos, por fim, que neste trabalho fazemos uso de algumas fotos, tornando-as um recurso importante para complementar nossa escrita, de modo a propiciar aos leitores um acompanhamento de nosso movimento enquanto pesquisadoras. Expomos também as imagens das produções plásticas do grupo-pesquisador, imprescindíveis para a criação dos confetos.

Entre o litoral e a pesquisa Sociopoética: algumas considerações metodológicas

Segundo Carneiro (2013), a primeira etapa da pesquisa sociopoética recebe o nome de negociação e tem como finalidade esclarecer os objetivos da investigação e a frequência dos encontros; negociar o território da pesquisa e definir o público-alvo/copesquisadores, momento em que foram convidados para a formação com o pesquisador oficial, aqui chamado de facilitador. Assim, é instituído o grupo-pesquisador que irá participar de quase todo o procedimento de pesquisa, pelas palavras de Petit (2014):

[...] a sociopoética transpõe para dentro da pesquisa o dispositivo do grupo-pesquisador. Assim, na pesquisa sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornar copesquisadores de um tema-gerador, a partir de uma negociação conjunta. Os que aceitarem o convite passam a investigar com o pesquisador-facilitador a participar, com poder de decisão compartilhado, de todo o processo de pesquisa, inclusive da análise dos dados e da socialização da investigação. (PETIT, 2014, p. 22-23).

Logo após o momento da negociação, segue a oficina de produção de dados com o grupo, onde o facilitador seleciona e/ou cria técnicas sociopoéticas que envolvem dispositivos artísticos de produção dos conhecimentos por intermédio do corpo e do trabalho em grupo. Em seguida, pedimos que cada um dos sujeitos discorresse sobre suas produções diante do que viveram durante a oficina, relacionando-as com o tema-gerador que é proposto pelo facilitador, em outras palavras:

[...] pede-se que os copesquisadores expressem numa linguagem simbólica e criativa, os seus conceitos referentes ao tema-gerador. Chamamos de confetos (conceitos + afeto) os conceitos produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos, por estarem perpassados de razão, intuição, emoção, sensação. (PETIT, 2014, p. 33).

A criação de confetos (termo sociopoético relacionado à junção das palavras conceito + afeto) é a principal meta desse método, pois, como afirma Santos (2014), essa abordagem teórico-metodológica de produção de conhecimento coletivo não se atenta aos conceitos que já estão naturalizados, mas se preocupa com a produção de confetos, outras maneiras de problematizar o tema-gerador. Para Deleuze e Guattari (1992), a Filosofia é a arte de criar conceitos, por sua vez, os conceitos são infinitos, e sendo criados nunca surgem do nada, pois é preciso um plano de imanência para criar os confetos. Pelas palavras dos autores:

Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem cortar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar [...] É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 46-47).

Para sociopoética, portanto, as oficinas funcionam como planos de imanência para a criação dos confetos, levando os copesquisadores a problematizarem sobre o tema-gerador a partir de dispositivos artísticos levados ao grupo. Desse modo, concordamos com Santos (2014), quando a autora afirma que durante a realização das técnicas sociopoéticas é possível perceber as ambiguidades e as divergências existentes entre o copesquisadores, levando-os à reflexão e à criação, transferindo suas ideias e seus pensamentos do plano de imanência, no caso, da oficina de produção de dados para o plano de consistência, que é o da criação de conceitos.

Segundo Santos (2014), depois das oficinas de produção dos dados, é feita uma análise destes pelos participantes da pesquisa, também chamado na Sociopoética de copesquisadores. Logo depois dessa etapa é que o facilitador realizará sua própria análise na busca das linhas que

perpassam o pensamento que foi produzido pelo grupo diante do tema-gerador nas suas múltiplas dimensões. Na etapa seguinte, nomeada como momento transversal, o facilitador leva esses resultados analíticos para os copesquisadores, de preferência, de forma mais sintética, literária ou lúdica. Esse momento é chamado de contra-análise e permite aos copesquisadores conhecer, confirmar, corrigir, reexaminar e, principalmente, contrapor-se às ideias tomadas pelo facilitador, tornando mais concisas as suas reflexões.

Para finalizar a investigação, faz-se a transversalização dos confetos produzidos pelo grupo-pesquisador com abordagens de filósofos e outros pensadores que dão suporte à filosofia produzida pelo grupo durante as oficinas de produção de dados.

Com as mãos na massa da pesquisa: o Tarô do aprender em movimento entra em ação

Conforme os procedimentos sociopoéticos, após realizarmos o momento de negociação com o grupo-pesquisador, composto por seis jovens *skatistas* (três moças e três rapazes), seguimos para a efetivação de nossa oficina de produção dos dados, realizada no dia 18 de abril do ano de 2015, na orla da praia de Atalaia, na cidade de Luís Correia, utilizando a técnica “Tarô do aprender em movimento”.

Ao iniciar a oficina, realizamos algumas dinâmicas e exercícios de alongamento com os jovens, de modo a despertar o corpo e diminuir a ansiedade e a timidez dos copesquisadores, descontraindo o grupo. Na sequência, pedimos que todos se deitassem no chão e buscassem relaxar o máximo possível, pois iríamos dar início a uma atividade de relaxamento, na qual, segundo Gauthier (2012), é de suma importância durante a produção dos dados e por isso é desejável em cada sessão de oficina sociopoética, tanto em seu início quanto em seu término, já que marca o encontro ritualístico do grupo e a sua formação como grupo pesquisador. A seguir, foto deste momento:

Fotografia 1 – Relaxamento e viagem imaginária com o grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Por conseguinte, esperamos que todos estivessem bem à vontade. Em seguida, fizemos a leitura do roteiro da viagem imaginária ao lugar do aprender em movimento:

Nesse momento, vamos nos preparar para fazer uma viagem pelo nosso imaginário... Sentados com as pernas um pouco afastadas, os braços estendidos na lateral do corpo, vamos procurar fechar os olhos e respirar três vezes, profundamente... Profundamente... Profundamente... Sinta uma luz, vermelha como o fogo, envolvendo todo o seu corpo e penetrando em todos os seus órgãos. Essa luz se confundindo com o ar que você respira, tornando o seu corpo leve e forte ao mesmo tempo, cheio de força para fazer você entrar num jogo. Para sua surpresa, uma cigana apresenta o jogo a você... É um jogo de cartas. Um tarô. O Tarô do aprender em movimento. Em meio a este encontro, você ouve uma fonte de água escorrendo pelo seu caminho. Sinta o som da água escorrendo. Caminhando pela terra, de pés descalços, você encontra um lugar para sentar. A cigana vai ler as cartas do Tarô do aprender em movimento para você. Na primeira carta tirada, a cigana mostra a imagem do aprender. Qual é a imagem do aprender? Que relação há entre a imagem do aprender e o movimento? Nesta carta, há ainda o símbolo do aprender. Como é o símbolo do Aprender? Que relação este símbolo tem com o movimento? Para sua surpresa, na carta do tarô aparece a palavra do aprender. Que palavra é essa? E para completar a carta, o número do aprender aparece com muita nitidez para dizer da relação deste aprender com o movimento. Qual é o número deste aprender? Agora você começa a voltar da viagem com a proposta de registrar sua experiência. Mexa seus pés, pernas, mãos, braços... Abrace as pernas, movimente o corpo de um lado para o outro. Respire profundamente... Abra os olhos! Pegue o material plástico e expresse sua viagem em uma imagem, um símbolo, uma palavra e um número do aprender na relação com o movimento. (Roteiro adaptado dos arquivos da Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad).

Terminado o momento do relaxamento e da viagem-imaginária, pedimos que os jovens aos poucos se sentassem e utilizassem os materiais plásticos dispostos pelo chão para fazer uma produção que respondesse aos problemas vivenciados por eles diante de tal experiência. Explicamos que os materiais estavam separados de acordo com os quatro elementos da natureza – terra, fogo, água e ar – e que eles deveriam escolher o elemento que mais se identificavam para fazer sua produção a partir dos materiais contidos em cada um deles. Conforme instruções, o grupo-

pesquisador se delimitou com bastante concentração na atividade, como é possível verificar nas fotos a seguir:

Fotografia 2 – Jovens em produção plástica do Tarô do aprender



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Fotografia 3 – Jovens em produção plástica do Tarô do aprender



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Todas as produções plásticas são de imprescindível valor para a criação dos confetos, pois realçam o estranhamento pelo grupo-pesquisador, proporcionando a multiplicação e a invenção de novas formas de potência do grupo que são expressas através da arte (ADAD, 2014). Assim, apresentamos cada uma das “Cartas do aprender em movimento”:

APRENDER ACONTECE EM MOVIMENTO



DESCOBRIR E REDESCOBRIR



CARTA DO APRENDER H.S HUMILDADE SEMPRE



Concluídas as produções, em roda de conversa, pedimos que todos sentassem em círculo e relatassem sobre suas sensações com a experimentação de produção de suas cartas do Tarô do

aprender em movimento. Fizemos vídeo-gravação desse momento que, posteriormente, passou pelo crivo da análise.

Após a análise, apresentamos alguns confetos que nos ajudaram a problematizar o tema-gerador, inclusive, transversalizando-os com pensadores, que nos ajudaram a ampliar e a referendar o pensamento dos jovens sobre o aprender em movimento.

Momento filosófico: o pensamento dos jovens do *skate* sobre o aprender em movimento

Em primeiro lugar, destacamos o confeto o **fogo do aprender que deforma**, visto que se trata do cuidado que se deve ter com o movimento, pois se precisa do aprender para se aquecer. Entretanto, sabe-se que se chegar perto demais do fogo do aprender começa a se queimar, a se deformar. Então, não pode ficar muito perto desse fogo, tem que encontrar o equilíbrio. A relação do fogo do aprender que deforma com o aprendizado é o cuidado. O cuidado que você tem que ter com você, com a sua vida para não se queimar ou se destruir.

O **Fogo do aprender que deforma** é um modo de aprender que coloca os jovens entre o cuidado e o perigo, possibilitando a eles um aprender que não propõe fórmulas prontas, mas sim, projetos abertos, bifurcações, com muitos caminhos possíveis, em que haja um verdadeiro rizoma entre os aprendizes e seus professores, entre os aprendizes, os professores e a cidade, e entre a cidade e a vida de todos, numa sintonia que se entrelaça, formando esse novo complexo que é o aprender na relação com o movimento nômade (SANTOS, 2014).

Nesse caso, os jovens trouxeram ainda o **aprender “acontece”** que é o aprender em que tudo pode acontecer e o aprender pode ser bom ou ruim, pode deixar mais forte ou mais fraco e isso de certa forma vai envolver a gente. É um aprender que se sabe que vai cair, que um dia vai estar bem, outro dia vai estar mal, um dia vai estar feliz e um outro dia vai estar triste. Posso inferir que neste confeto o aprender consiste no convívio das juventudes com a incerteza, sem possibilitar o controle da situação, deixando as coisas acontecerem, sem ansiedade.

O **aprender “acontece”** se entrelaça ao **aprender com a paciência**, pois aprender com o fluxo da vida há de se ter paciência, de modo que de uma hora para outra há de se aprender. No mundo de hoje, sempre se quer aprender o mais rápido possível. Mas a paciência mostra que se você não tiver calma e paciência para aprender, você não vai conseguir fazer nada direito. Tem que ter paciência para aprender direito.

Com o *skate*, aprender tem a ver com a incerteza e com a paciência para se aprender uma manobra nova que deixa o jovem *skatista* estressado, muito estressado, mostrando inclusive que não é todo mundo que vai até o final. Até o jovem aprender, passam-se horas e horas, cai-se, machuca-

se e, além disso, é necessário ter bastante paciência para se conseguir aprender o movimento novo, que é a manobra. Cada manobra é um movimento, e para aprender cada movimento novo tem que se movimentar e ter bastante calma.

Percebemos, com o confeto **aprender com paciência** o movimento das manobras radicais, que este aprender estimula nos jovens a determinação e a persistência, valores que, segundo esse grupo, são intensificados por meio da prática do *skate*, quando afirmam na contra-análise¹ que:

Quando você começa a andar de *skate*, uma das coisas que você aprende é não desistir fácil! Acho que na escola o *skate* iria ajudar os alunos a não desistirem do que tem de aprender, de ter determinação para aprender as matérias que são mais difíceis (GRUPO-PESQUISADOR).

A determinação, entretanto, também precisa de motivação! O confeto **aprender-prazer em movimento** realça que a qualidade deste aprender é o prazer, a pessoa tem que ter prazer. O prazer é muito importante para aprender. Quando não tem, não aprende nada, é muito chato! Para isso, os jovens tiram da carta do tarô, o elemento **Água-ar do aprender** que mostra que o prazer é que promove a vontade de se movimentar para aprender, por que a água, assim como o ar, está sempre em movimento.

Este **aprender-prazer em movimento** com o elemento da **água-ar do aprender** trata de aprenderes significativos ligados à experiência como aquilo que toca, que afeta, apontando para pensar nas aulas que assistem dentro do espaço escolar. E repensando o currículo de modo significativo para jovens, que têm na experiência do corpo a mobilidade e os sentidos do aprender. Sobre isso:

Hoje em dia, já existem projetos que já associam o *skate* com a escola! Não o *skate* como uma matéria a mais, mas são aulas extras que incluem o *skate* no planejamento escolar, aulas sobre o esporte, a história do esporte, como eles surgiram, etc. Por exemplo, se houve um trabalho na minha escola, em relação que eu pudesse falar de algum esporte, e eu pudesse falar do *skate*, isso para mim seria gratificante, não só por valer ponto, como é na escola, mas por estar fazendo alguma coisa que eu gosto. É um grande estímulo, sem falar que você vai mostrando o esporte, porque não é todo mundo que conhece, quem conhece é quem pratica. Muita gente vê o *skate* apenas como um brinquedo legal, fica se perguntando como a gente consegue ficar em pé em cima dele, sendo que pra nós é muito mais que isso, é um estilo de vida! (GRUPO-PESQUISADOR).

A partir dessas narrativas, problematizamos: Por que barrar o *skate* de entrar na escola, se neste estudo ele tem apontado a todo momento a possibilidade de proporcionar uma aprendizagem motivadora e instigante aos estudantes?

¹ Como já foi referido, a contra-análise refere-se ao momento em que o pesquisador oficial volta a se reunir com o grupo-pesquisador para que este retifique, reexamine e torne mais precisos seus confetos e pensamentos (SANTOS 2014). É um momento importante para o reexaminar dos dados e para as críticas e desdobramentos acerca das análises que foram produzidas pelas facilitadoras, e, portanto, possibilita dar continuidade e ampliação à produção de confetos sobre o aprender na relação com o movimento.

Grosso modo, é como se a cultura estivesse contida em uma mochila que devesse ser deixada na porta da escola e, ao ultrapassar os seus muros e portões, o aluno tivesse de abandonar sua bagagem de conhecimentos e estivesse apto a receber outros novos que nem sempre lhe dizem respeito ou despertam seu interesse. Nesse ponto, a cultura urbana não tem espaço como expressão ou elaboração das identidades infanto-juvenis. Há um enorme potencial trazido pelos alunos que é silenciado por conta da necessidade, ou até mesmo da obrigatoriedade que a maioria dos professores tem em cumprir com as exigências institucionais relacionadas aos conteúdos voltados para a série seguinte e para as disciplinas específicas. [...] se a cultura urbana é impedida de entrar pela porta da frente da escola, ela, muitas vezes, tem de pular o muro para poder transformar-se em elemento de identificação e organização de crianças e jovens em torno dos gostos e práticas comuns e que constituem diversos grupos estudantis. (MARTINS, 2005, p. 57-58).

Refletindo sobre tais palavras, percebemos que as metodologias de ensino e de aprendizagem utilizadas nas escolas acabam por afastar o interesse dos jovens de muitas aulas que eles têm “obrigação” de assistir, o que resulta numa formação precária, pois os conhecimentos que lá são apreendidos têm data de validade, dias demarcados por provas e exames, em que, após adquirirem boas notas, os jovens logo esquecem o que aprenderam, ou quando recusam-se a serem bons alunos, mostrando constantemente desinteresse no âmbito escolar, inclusive faltando aulas para realizarem suas práticas culturais. Sobre isso o grupo pondera na contra-análise:

Quando ainda estava na escola, eu sempre levava o meu *skate*, mas chegou um momento em que eu não poderia levar mais por que então eu iria acabar sendo suspenso do colégio, foi a partir daí que eu desisti de levar meu *skate* para lá. Mas eu nunca desisti de andar, sempre que saía do colégio já ia direto andar de *skate* ou, às vezes, faltava muito às aulas para andar de *skate*. Eu me arrependo até hoje de fazer isso, mas era uma coisa que eu não conseguia evitar. Eu queria andar de *skate* a qualquer custo (GRUPO-PESQUISADOR).

É desse modo que muitos *skatistas* acabam não sendo considerados como bons alunos na escola, fortificando estereótipos marginalizados que ocorrem para além dessa instituição, expandindo-se para o meio social em que os jovens convivem, de forma que esse coletivo acaba sendo visto como ameaçador da ordem vigente, a saber:

Um exemplo, das pessoas que têm preconceito são os guardas da Praça da Graça, em Parnaíba. Lá, têm uns bancos de mármore ótimos para andar de *Skate*, a gente vai andar lá, mas na mesma hora chegam os guardas, chamam a polícia, como se a gente fosse vândalo ou bandido, sendo que o policial tinha que estar prendendo era bandido mesmo, que está roubando, matando, traficando. Ao invés de se importar com quem está praticando um esporte, sendo que o *skate* salva vidas, salva muita gente do crime, de drogas, de tudo, *skate* salva em todos os sentidos! (GRUPO-PESQUISADOR).

Esse depoimento ganha apoio em uma das manchetes do jornal Meia Hora de Notícias (2015), um dos mais vendidos no estado do Rio de Janeiro, o qual, no dia 6 de novembro, divulgou uma reportagem com o título “PM confunde *skate* com arma e atira em jovem”. Abaixo trecho que relata o ocorrido:

O caso aconteceu no dia 16 de outubro deste ano, data em que o *skatista* baleado relatou está numa trilha com dois amigos, localizada próxima às comunidades Chácara do Céu e Rocinha, quando os três foram abordados por dois PMs da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) Vidigal. Em depoimento, o PM Wanderley Siuves da Silva disse que foi ao lado de um colega verificar uma denúncia de que homens armados estavam vendendo e consumindo drogas na entrada desta trilha. Durante a abordagem, um jovem escorregou após fazer um movimento brusco, assustando o policial militar que atirou no braço direito do rapaz. Ele justificou dizendo que o menor abaixou para pegar algum objeto não identificado (que seria o *skate*) e ele acreditou que se tratava de uma arma. Ferido no braço, o adolescente foi encaminhado para o Hospital Municipal Miguel Couto, na Gávea, onde foi medicado e liberado em seguida. O comando da UPP Vidigal determinou a abertura de uma sindicância para apurar a conduta de policiais. (SALAZAR, 2015, p. 14).

Percebemos, a partir dessa reportagem, que devido aos estereótipos relacionados ao grupo, os jovens *skatistas* se colocam em inúmeras situações de desentendimentos com a sociedade, incluindo até mesmo confrontos com a polícia. Entretanto, é a resistência dos jovens *skatistas* em continuar com a prática do *skate*, mesmo com as proibições da escola e muitas vezes da família e da sociedade, que permite que estes possam continuar a desbravar as ruas da cidade, e a inventar ainda mais tipos de aprender em movimento.

Não foi à toa que o grupo-pesquisador criou o confeto **Aprender “Descobrir e redescobrir” conhecimento** que é o aprender que descobre algo novo e quer se movimentar para aprender, redescobrando os limites, as ideias, as vontades. O movimento relacionado ao aprender, é isso: descobrir coisas novas, e redescobrir coisas antigas, coisas passadas que não tinham sentido e a partir daquele momento tem. Por isso, este aprender diz que cada coisa que se vai aprender é um novo tipo de conhecimento que vai acrescentando ao que se sabe.

Nesta carta, descobrir e redescobrir são modos de saber que diz respeito ao conhecer que se aventura no mundo do aprender e nunca se chega ao fim. Nesta carta, o **símbolo (+)** mostra que quanto mais se aprende, mais se pode saber mais. Os jovens inclusive comungaram com estes confetos, criando de modo complementar outro símbolo, o **infinito do aprender** porque não se tem limite para aprender. Exemplificam, dizendo:

Na matemática, por exemplo, o infinito é o único símbolo que não representa número. Então, ele não lhe dá um final, se você colocar um “+ infinito” você não acabou de estudar o que você está precisando, então acho que o infinito em relação com o aprender é nunca ter um fim, você sempre tem algo a aprender ou a relacionar. (GRUPO-PESQUISADOR).

Descobrir e redescobrir conhecimento, símbolo (+) e infinito do aprender são confetos que apontam para o ser humano como aquele que tem múltiplos conhecimentos que vão se combinando entre si, interconectando-se, mestiçando-se, permutando-se. Esses modos de aprender se inserem numa educação complexa, labirinto de saberes = educação rizomática que, como uma

raiz ou grama, espalha-se para todos os lados, prolifera-se infinitamente. Desse modo, os conhecimentos fazem múltiplas conexões, não têm centro, nem hierarquias, sendo um emaranhado de linhas e de saberes que se conectam de infinitas formas (GALLO, 2008).

Considerações finais

A partir dos confetos produzidos pelo grupo-pesquisador, acreditamos que os saberes dos *skatistas* estão inseridos de maneira rizomática no conhecimento que vai além da escola, da sala de aula ou do preconceito da sociedade com as práticas culturais juvenis, relevando disposição, uma série de ferramentas e de elementos dos quais podem dispor à sua maneira e segundo os problemas que vivem. Criam seu próprio fluxo do aprender, seu processo singular de desenvolvimento.

Neste caso, concluímos dizendo que nossa intenção não foi apontar o aprender na rua com o *skate* como aprendizado ideal. Contudo, temos a convicção de que não há um único modo de aprender, como também não há um modo de aprender que não tenha dificuldades, problemas, ou relações de conflitos.

Nosso desejo foi mostrar a vida que acontece em meio ao aprender deslizante, que se move, que admite experiências e fluxos por onde circula, em especial na cidade. Sobretudo, realçar que essa pedagogia do movimento aponta para outras formas de aprender e de ensinar que podem inclusive transformar a formação dos jovens para a vida, pois as quedas, deslizos e fracassos potencializam o corpo e a compreensão de estar no mundo, acrescentando nos jovens os valores de força e de persistência, que podem usar não somente nas manobras com o *skate*, mas em qualquer outra situação.

Por fim, realçamos a importância de nos aproximarmos dos jovens que frequentam nossas salas de aulas, conhecê-los mais de perto para pensar atividades pedagógicas voltadas para seus desejos e anseios, pois os jovens *skatistas* com seu frequente movimento nos ensinaram que o aprender deve ser cheio de sentido e encanto, tendo como recheio, a Vida.

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa de. A sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: _____ et al. (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Eduece, 2014. p. 43-59.

_____. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar do desejo dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Doutorados: ED. UFGD, 2011. 160 p.

- CARNEIRO, Cristianne Teixeira. **Sociopoetizando o ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens do curso técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus – PI**. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2013.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda., 1992.
- GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Série Pensadores & Educação).
- GAUTHIER, Jacques. **O Oco do Vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba: CRV, 2012.
- _____. **Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador**. Edição Eletrônica. 2009.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Cultura Popular e Educação: O que a escola tem a ver com isso?** In: SILVA, René Marc da C. (Org.). **Cultura Popular e Educação – Salto para o Futuro**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005.
- PETIT, Sandra Haydée. **Sociopoética: potencializando a dimensão poiética da pesquisa**. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al. (Org.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: Eduece, 2014.
- SANTOS, Vanessa Nunes dos. **Sociopoetizando a Filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina – PI**. 2014. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.
- SANTOS, Maria Dilma de Andrade Viera dos. **Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e corpo na educação em movimento**. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.
- SALAZAR, Roberto. PM confunde *skate* com arma e atira em jovem. **Meia hora de notícias**, Rio de janeiro, 6 nov. 2015. p. 14.

Recebido em: 25.06.2016

Aceito em: 10.03.2017